

# LOGOTERAPIA NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA: REFLEXÕES ACERCA DA ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL COMO UMA MODALIDADE DE PSICOTERAPIA

## LOGOTHERAPY IN PSYCHOLOGY CONTEXT: REFLECTIONS ABOUT VIKTOR FRANKL'S EXISTENTIAL ANALYSIS AS A MODALITY OF PSYCHOTHERAPY

**Thiago A. Avellar de Aquino**, *Universidade Federal da Paraíba*

**Alan da Silva Vêras**, *Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Paraná / ALVEF*

**Daniel Ouriques Lira Braga**, *Universidade Federal da Paraíba*

**Sarah Xavier Peixoto de Vasconcelos**, *Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueiredo*

**Lorena Bandeira da Silva**, *Universidade Estadual da Paraíba/Universidade Federal da Paraíba*

**Resumo.** O presente artigo almeja descrever a Logoterapia no contexto da psicologia moderna, considerando por um lado seus aspectos teórico-conceituais, e por outro o seu campo de pesquisa e atuação prática. Inicialmente considerou a Logoterapia no seu contexto histórico, dentro das teorias da personalidade. Também apontou para as suas considerações práticas no âmbito da psicoterapia e da prevenção, bem como elencou as principais críticas a essa corrente de pensamento na psicologia e suas consequentes refutações. Por fim, o presente manuscrito expõe algumas considerações acerca da Logoterapia como uma forma de psicoterapia.

**Palavras-chave:** Logoterapia, psicoterapia, psicologia clínica.

**Abstract.** This article aims at describing Logotherapy in the context of modern psychology, considering by the one hand its theoretical and conceptual aspects, and by the other its field research and practical application. It first considered Logotherapy in its historical context, within the theories of personality. It also pointed out to their practical considerations in the scope of psychotherapy and prevention, as well as listed the main criticisms towards this psychology school of thought and its rebuttals. At last, this manuscript sets forth some considerations on Logotherapy as psychotherapy.

**Keywords:** Logotherapy, psychotherapy, clinical psychology.

## INTRODUÇÃO

Embora historicamente a psicologia seja considerada como ciência a partir do laboratório de Wilhelm Wundt, em 1879, indubitavelmente, foi no século XX que as grandes teorias apresentaram as bases para a sua constituição como profissão como a conhecemos nos dias atuais (Schultz & Schultz, 2000). Dentre as diversas práticas psicoterápicas, a perspectiva existencial vem ganhando um espaço considerável, sobretudo a Logoterapia de Viktor Frankl, por abordar temáticas inerentes à existência e pertinentes ao ser humano moderno.

Tendo em conta a perspectiva da psicologia como ciência e profissão, considera-se a Logoterapia como uma corrente psicoterápica capaz de respaldar o trabalho do psicólogo para as demandas existenciais e psíquicas. Para fundamentar esse argumento, o presente artigo contextualiza essa corrente de pensamento como uma teoria da personalidade bem como apresenta suas implicações psicoterápicas. Inicialmente, será apresentada uma breve explanação acerca do surgimento e desenvolvimento dessa matriz.

## O SURGIMENTO DA LOGOTERAPIA E SEU CONTEXTO ATUAL

Viktor Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra, neurologista e professor da Universidade de Viena. Este sistematizou a Logoterapia e Análise Existencial como uma abordagem psicoterápica. Durante a sua juventude, foi discípulo de duas escolas tradicionais, a psicanálise e a Psicologia individual, até chegar ao seu próprio sistema de pensamento chegando a produzir trinta e nove

livros. Nas palavras desse mesmo autor, “El hilo conductor que pasa a través de todos mis trabajos es la lucha contra las tendencias despersonalizantes y deshumanizantes que parten del psicologismo en la Psicoterapia” (Frankl, 2006, p. 56).

Um equívoco recorrente é considerar que esse mesmo autor teria descoberto a Logoterapia nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi um prisioneiro comum. Historicamente, já em 1926, Frankl profere pela primeira vez o termo Logoterapia em um ambiente acadêmico, enquanto a denominação análise existencial foi destacada somente a partir de 1933 (Frankl, 2006).

Como esclarece Fizzotti (2000), a Logoterapia se constitui por meio de três fases distintas: (1) o trabalho de aconselhamento de Frankl nos centros de prevenção ao suicídio na década de 1920. (2) O desenvolvimento de um sistema de pensamento calcado em filósofos como Max Scheler, Karls Jaspers, Martin Heidegger, Ludwig Binswanger e Martin Buber, e, posteriormente, validado por sua própria vivência nos campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial, como prisioneiro comum. (3) Uma extensa casuística que se configura em uma metodologia terapêutica descrita em livros no período pós-guerra.

Historicamente, a Logoterapia foi considerada por Wolfgang Soucek (1948) como a terceira escola de Psicoterapia de Viena, sendo precedida pela Psicanálise e a Psicologia Individual. Essa corrente também é reconhecida como uma abordagem de psicoterapia pela mais antiga associação de Psicologia, a *American*

*Psychological Association* (APA), como pode ser constatado no verbete *Logotherapy* no *Concise Dictionary of psychology*:

An approach to psychotherapy that focuses on the “human predicament”, helping the client to overcome crises in meaning. The therapeutic process typically consist of examining three types of values: (a) creative (e.g., work, achievement); (b) experiential (e.g., art, science, philosophy, understanding, loving); and (c) attitudinal (e.g., facing pain and suffering). Each client is encouraged to arrive at his or her own solution, which should incorporate social responsibility and constructive relationships. Also called meaning-centered therapy. See also *existential psychotherapy; existentialism* (APA, 2009, p. 278).

A Terapia Centrada no Sentido encontra-se em consonância com o movimento existencial iniciado após a Segunda Guerra Mundial, por meio da psiquiatria, especificamente por Ludwig Binswanger e Medard Boss. No Caderno do Conselho Federal de Psicologia (2009) intitulado *Ano da Psicoterapia: Textos geradores* encontra-se a seguinte referência:

O século XX é marcado por uma série de contribuições oriundas de médicos, até mesmo porque a Psicologia ainda se mantinha restrita aos espaços acadêmicos em sua cruzada pelo reconhecimento científico. Desde o criador da Psicanálise nomes ilustres como Jung, Perls, Moreno, Erickson, Frankl, as contribuições parecem marcar essa tendência (...) (Rodrigues, & Brito, 2009, p. 94).

A Logoterapia como prática da psicoterapia se complementa com a sua outra faceta, qual seja, a análise existencial, que representa uma perspectiva antropológica de pesquisa. Nesse aspecto, Frankl (2012) considera que a vida se explica apenas no seu transcurso e desdobramento. Assim, compreende que “tal como um tapete desenrolado revela o seu padrão inconfundível, deduzimos do curso da vida, do devir, a essência da pessoa” (p. 57).

Batthyany (2009) constata que, na atualidade, novas ideias e métodos são desenvolvidos e ajudam no desenvolvimento e no crescimento da psicoterapia centrada no sentido da vida. Dessa forma, constata-se que a Logoterapia está sendo desenvolvida por vários autores, tendo por base os pressupostos de Viktor Frankl. De forma geral, pode ser considerada como um “movimento” em prol de um direito humano, qual seja, o de promover uma vida plena de sentido para todos (Frankl, 2011).

Parece muito elucidativo a seguinte reflexão de Frankl (2011) acerca do crescimento de sua abordagem teórica:

Eu concluí o meu primeiro livro declarando que a Logoterapia era uma “terra de ninguém. E, ainda assim – que terra promissora!” Isso foi há muitos anos. Nesse ínterim, a “terra de ninguém” se tornou habitada. E o trabalho de seus habitantes prova que a “promessa” está a caminho de ser cumprida. (p.208).

No contexto mundial, a Logoterapia conta com 105 grupos, entre institutos e associações, catalogados pelo *Viktor Frankl Institut* (c.f. [www.viktofrankl.org](http://www.viktofrankl.org)). Constata-se

que o maior número de grupos se encontra na Alemanha (17), seguido da Argentina (10), Brasil (7), Áustria (6), Canadá (6), México (6) e Estados Unidos (4).

Algumas hipóteses são levantadas para explicar o grande número de grupos na Alemanha. Uma delas é o fato de que a primeira discípula de Viktor Frankl, Elisabeth Lukas, tenha fundado um instituto de formação de logoterapeutas nesse país e publicou trinta e oito livros sobre a teoria e prática em Logoterapia em língua alemã. Além disso, grande parte dos trinta e nove livros de Frankl foi escrito na língua germânica, o que, possivelmente, facilitou sua maior inserção no referido país.

Já na Argentina, Frankl esteve cinco vezes, sendo a primeira em 1954, enquanto que no Brasil, esse mesmo pensador esteve três vezes, inicialmente em 1984 na PUC do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Nesse, o primeiro estudo publicado sobre Logoterapia foi em 1983, por Izar Xausa na *Revista Psico* (PUC-RS), intitulado “Viktor Frankl: um psicólogo no campo de concentração” (Xausa, 1983).

Tabela 1 Relação de Periódicos especializados em Logoterapia e Análise Existencial

Periódico	Nacionalidade
Revista Logos e Existência	Brasil
Existenz und Logos	Alemanha
Ricerca di Senso	Itália
Revista Mexicana de Logoterapia	México
The International Forum for Logotherapy	Estados Unidos
LogoRed	Argentina
Revista Logo: Teoría, Terapia, Actitud	Argentina

Na atualidade, a Logoterapia conta com sete periódicos especializados nessa temática (Tabela 1), dos quais apenas dois se encontram classificadas no *qualis CAPES*: a *Revista Logos e Existência* e a revista *Ricerca di Senso*. Nessa perspectiva, torna-se necessário mapear os avanços científicos da Logoterapia no Brasil nos periódicos brasileiros, tema que será abordado no tópico a seguir.

## O ESTADO DA ARTE NA LOGOTERAPIA BRASILEIRA

Em uma busca realizada em duas bases de dados virtuais, Vêras e Rocha (2014) fizeram um mapeamento dos artigos em Logoterapia publicados em periódicos científicos brasileiros considerando o período de 1983 a 2012, encontrando 49 trabalhos de autoria de brasileiros. Os autores descreveram o panorama nacional de pesquisadores, instituições e temas relacionados à Logoterapia. Para atualizar os dados, foi realizada uma nova pesquisa incluindo também os anos de 2012 à 2014, assim, por meio da ferramenta *Google Acadêmico* e utilizando-se dos descritores *Logoterapia*, *Sentido da Vida* e *Viktor Frankl*, encontrou-se mais 66 artigos, totalizando 115. A Figura 1 apresenta a distribuição dos artigos de 1983 a 2014.

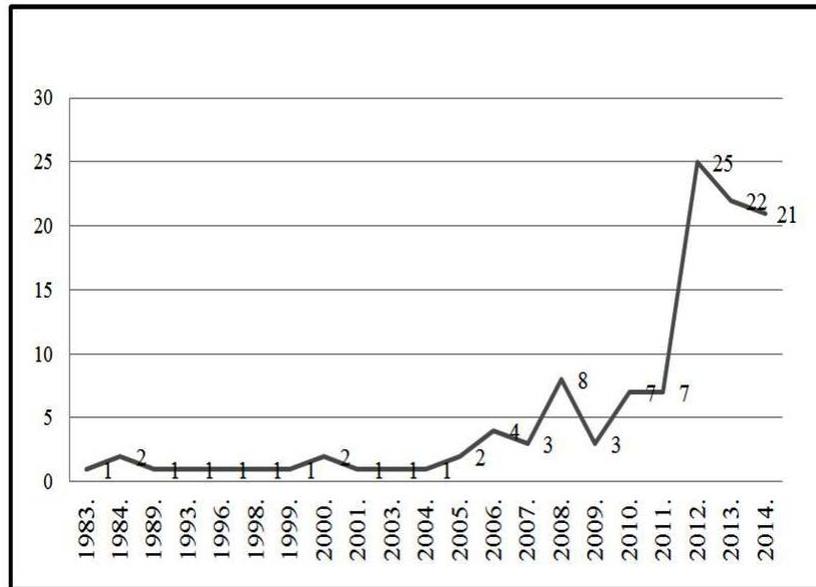


Figura 1 Distribuição da frequência de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais de 1983 a 2014

Constatou-se que há um avanço significativo do número de publicações a partir do ano de 2008. Isso pode estar indicando o crescente interesse em lançar mão da Logoterapia para realizar pesquisas acadêmicas.

Provavelmente, esse crescente interesse seja fruto de linhas de pesquisa em mestrado acadêmico, como no curso de Ciências da Religião da UFPB (PB) e de Psicologia Clínica da UNICAP (PE), bem como os cursos de pós-graduação *Latu Sensu* da PUC (PR), ALVEF (PR) e SOBRAL (SP). Também devemos pontuar o trabalho que vem sendo realizado pela Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE), o Núcleo Viktor Frankl na UEPB (PB), pelo Instituto Geist no Maranhão e do IECVF em Ribeirão Preto – SP.

Pôde-se constatar a existência de 162 autores com, pelo menos, um artigo publicado em Logoterapia. Os de instituições nordestina, especialmente da Paraíba, são aqueles que aparecem com maior frequência. Quanto à titulação, 44 eram doutores, 24 mestres ou doutorandos, 85 graduados ou mestrados e dois graduandos (sete não tinham informações disponíveis nos artigos nem na Plataforma Lattes). Mais de 60% eram psicólogos ou estudantes de Psicologia.

Verificou-se que 51% dos artigos encontrados tinham mais de um autor. Isso aponta para prováveis formações de grupos de pesquisa que vem crescendo no país. Também foi possível verificar a existência de parcerias entre pesquisadores de instituições de diferentes. Isso mostra tanto uma abertura e expansão da abordagem quanto o fortalecimento de laços estabelecidos entre discentes e docentes de diferentes instituições.

Os trabalhos estavam distribuídos em 52 periódicos, sendo o maior destaque para a Revista Logos & Existência, com 45 publicações. O periódico em questão passou a concentrar as publicações de artigos em Logoterapia, sendo este um aspecto positivo, uma vez que até o seu surgimento, em 2012, os trabalhos estavam dispersos em várias revistas, dificultando o acesso por parte dos pesquisadores.

Também foi averiguado que os artigos apresentam múltiplas metodologias e abordam diversos temas acerca da Logoterapia. Sobre isso se deve pontuar que 85% dos estudos utilizaram métodos qualitativos exploratórios, tais como pesquisas bibliográficas e estudos de caso, e 15% métodos descritivos, tais como estudos de correlação e validação de testes psicométricos. Dentre os temas encontrados destacam-se os que tratam de aspectos psicoterapêuticos, organizacionais, educacionais, sentido da vida (logoteoria), espiritualidade, religiosidade, saúde, estresse, resiliência e pessoas com deficiência. Essa versatilidade de temas e métodos reflete a plausibilidade dessa teoria para apreender as temáticas atuais no campo da psicologia.

Tendo em conta as diversas temáticas em que a Logoterapia se aplica, torna-se necessário compreender o seu lugar dentre os saberes psicológicos. Nessa direção, cabe argumentar em que medida a Logoterapia pode ser compreendida como uma Teoria da Personalidade, como o leitor poderá constatar a seguir.

#### *Logoterapia como teoria da personalidade*

Segundo Pervin e John (2004) uma teoria da personalidade deve contemplar os seguintes aspectos:

(1) Estrutura – as unidades básicas ou blocos constitutivos da personalidade. (2) Processo – os aspectos dinâmicos da personalidade, incluindo os motivos. (3) Crescimento e desenvolvimento – como nos desenvolvemos, formando a pessoa única que cada um de nós é. (4) Psicopatologia – a natureza e as causas do funcionamento desordenado da personalidade. (5) Mudança – como as pessoas mudam e por que elas, às vezes, resistem à mudança ou não são capazes de mudar. (p. 24).

Como a Logoterapia se posiciona perante essas cinco características das teorias da personalidade? A Tabela 2 apresenta a Logoterapia no contexto geral da Psicologia da Personalidade.

Tabela 2 A logoterapia no contexto geral da Psicologia da Personalidade

<b>Estrutura</b>	<b>Processo</b>	<b>Crescimento e desenvolvimento</b>	<b>Patologia</b>	<b>Mudança</b>
Ser-no-mundo, ser-assim	Vontade de sentido	Ser versus dever-ser	Frustração da busca de sentido	Apelo aos valores e maiêutica socrática

A primeira, a estrutura, representa os aspectos estáveis e duradouros da personalidade ou a consistência de respostas individuais. Segundo Frankl (1992a), essa dimensão representa o “ser-assim”, constituído por meio dos hábitos e escolhas pessoais e tendências da personalidade. Embora Frankl não pareça dar atenção aos constructos estruturais, preferindo dar ênfase ao antagonismo noopsíquico, existe uma grande preocupação em como a pessoa se posiciona perante a sua estrutura de personalidade, tendo em conta o conceito de liberdade.

Em linhas gerais, a Logoterapia, como grande parte das teorias existenciais, não defende a classificação do ser humano em termos de traços ou tipo de personalidade, já que compreende o ser humano como um contínuo vir-a-ser (c.f. Hall & Lindzey, 1984). Nessa perspectiva, Ortiz (2011) compreende que a Logoterapia propõe a visão do ser humano como um ser dinâmico. A pessoa é constituída por caráter e temperamento, podendo, ainda assim, opor-se a eles (antagonismo noopsíquico), ampliando a visão acerca da estrutura do sujeito como um ente meramente estático.

Sobre essa capacidade de se posicionar perante si mesmo, comentam Hall e Lindzey (1984):

O homem pode afinal transcender os ferimentos da infância e as ofensas posteriores à sua existência. Veja, por exemplo, o *The doctor and the soul* de Viktor Frankl para conhecer como alguns prisioneiros dos campos de concentração transcenderam os horrores de sua existência (p. 93).

No que se refere ao processo, que se encontra relacionado ao conceito de motivação, pode-se considerar que a vontade de sentido seria um fenômeno primário para o ser humano agir no mundo, constituindo-se como a principal mola propulsora da existência. Assim, para essa perspectiva, o ser humano é atraído para o que tem sentido e valor (Frankl, 1992a). Já no que se refere ao processo de crescimento e desenvolvimento, Frankl não recorre nem aos fatores genéticos nem ambientais, embora os considere como condicionantes da existência humana. Para tanto, recorre-se à dinâmica da existência humana (noodinâmica) que compreende uma tensão entre o ser e o vir a ser, o que a pessoa realizou e o que ainda deve realizar em sua existência (Frankl, 2004).

No que tange à psicopatologia, Frankl (2011) considera que a frustração da vontade de sentido desempenha um papel relevante na etiologia de alguns transtornos, tais como a drogadição, a agressão e o suicídio/depressão. Ademais, quando o ser humano não se encontra motivado pelo sentido, emergem sempre as vontades de poder e prazer de forma acentuada, o que frustra cada vez mais a realização de sentido.

Por fim, no que se refere à mudança, a Logoterapia desenvolve um sistema de métodos psicoterápicos e concebe uma grande relevância na relação “eu-tu” utilizando-se de uma postura dialógica. Essa tem por intuito acessar os recursos saudáveis do paciente, explorando e ampliando o campo de possibilidades do ser-no-mundo, o que facilita o processo de escolha e mudança do paciente (Frankl, 1992a).

De forma geral, a abordagem em tela responde perfeitamente as três questões fundamentais de uma teoria da personalidade: “O quê, como e por quê” (Pervin & John, 2004). Por um lado, apreende o que o indivíduo “é” e como ele se tornou “o que é” por meio de uma análise existencial; e, por outro, está em condições de argumentar, de forma plausível, o “por que” ele se comporta quando a motivação por um sentido na vida se encontra frustrada ou realizada. Tendo em conta que a Logoterapia surge no âmbito do saber psicoterápico, cabe agora apontar para algumas de suas implicações clínicas.

#### *Logoterapia como psicologia clínica*

Todo saber teórico e prático, no campo da psicologia, precisa ter consciência de suas limitações. Dessa forma a Logoterapia não se apresenta como panaceia (Frankl, 1991), uma vez que reconhece tanto os seus limites, como o seu campo de aplicação. Ademais, Frankl compreendia a Logoterapia como uma terapia complementar, não obstante, a prática psicoterapêutica decorrente dessa abordagem não se enquadra entre as psicologias integrativas e complementares, tendo em vista que se fundamenta tanto em uma base teórica como metodológica. Além do mais, os seus fundamentos teóricos são corroborados por meio de produções acadêmicas e científicas (Batthyany & Guttmann, 2005).

Mas, por qual motivo Frankl considerou a Logoterapia como uma terapia complementar? No contexto histórico desse movimento, o termo “complementar” significa que a Logoterapia não pressupõe a superação de outras escolas para a sua consolidação, posto que todas

possuam uma contribuição importante, semelhante a uma orquestra, na qual todos os instrumentos possuem sua relevância no desempenho de uma peça musical. A necessidade de uma nova abordagem psicoterápica decorre, inequivocamente, do fato de que as demandas do sentido da vida e do vazio existencial não eram consideradas por outras escolas. Esse fato é justificável por meio da seguinte indagação:

Como poderia uma psicoterapia que extrai sua compreensão do homem de experimentos com ratos ser capaz de entender o fato antropológico fundamental de que o homem, às vezes, em uma sociedade de abundância, comete suicídio, e, outras vezes, está disposto a sofrer, contanto que seu sofrimento tenha sentido? (Frankl, 1991, pp. 30-31).

Frankl (1992a) compreende que o principal fator de proteção ao ser humano é a percepção de um sentido na vida. Tendo em conta que ter uma razão para viver se constitui em uma condição necessária para a resiliência humana. Esse mesmo autor, por meio de suas experiências clínicas, constata que a demanda mais frequente dos seus pacientes era uma sensação de vazio existencial, ocasionada pela frustração da motivação primária do ser humano: a vontade de sentido; um mal-estar que se expressa por meio do tédio e a sensação de que a vida não tem sentido (Frankl, 2011). Desse modo, Frankl identificou que as perdas das tradições e dos instintos ocasionaram, no homem moderno, uma frustração existencial; posto que, de forma geral, ele não sabe mais o que quer e o que deve fazer de sua existência. Dessa forma, compreende-se que esse mal-estar

seria mais sociogênico do que psicogênico (Frankl, 1990, 1991).

A Logoterapia atua, sobretudo, como uma abordagem adequada para o tratamento de questões existenciais relacionados com a frustração da vontade de sentido de vida. A frustração existencial pode resultar em “neuroses noogênicas”, que se caracteriza como uma neurose decorrente de problemas existenciais, onde a frustração da vontade de sentido desempenha papel central na consolidação desse mal estar. Sobre isso, esse autor tece o seguinte comentário:

(...) apesar de não constituir efeito de uma neurose, o vácuo existencial pode muito bem tornar-se sua causa. Nesse caso, teremos de falar, portanto, de uma neurose noogênica, distinta, portanto, das psicogênicas e somatogênicas. Teremos logos que definir a neurose noogênica como aquela causada por um conflito em nível espiritual – um conflito ético ou moral, como, por exemplo, o choque entre o mero superego e a autêntica consciência (esta, se necessário for, pode contradizer e opor-se àquele). Por último, mas não menos importante, a etiologia noogênica é formada pelo vácuo existencial, pela frustração existencial ou pela frustração da vontade de sentido (Frankl, 211, p. 112)

No entanto, o vazio existencial por si só não se constitui em uma patologia, mas em uma potencial patogenia, posto que se constitui tão somente de uma frustração da vontade de sentido (Frankl, 1985). Destarte, a Logoterapia é uma psicoterapia específica, recomendada para as demandas existenciais dos pacientes.

Essa modalidade de psicoterapia também se constitui como uma terapia não específica, na medida em que apresenta possibilidades de atuações para alguns transtornos psicogênicos. Segundo Frankl (2012) o problema do ser neurótico se encontra em sua restrição da percepção do seu espectro de liberdade, conseqüentemente, interpreta a existência como um “ser assim” e não de outro modo de estar no mundo. Assim sendo, as técnicas possuem o objetivo de ampliar a forma de ser no mundo por meio de uma ampliação da área de liberdade do paciente.

Uma prescrição apropriada para a Logoterapia é nas neuroses de angústia, quando o paciente reage a um sintoma com o receio de que ele possa ocorrer novamente, através de uma ansiedade antecipatória, o que faz com que o sintoma se manifeste. Nesses casos, o paciente apresenta um medo de ter medo e, conseqüentemente, se esquia de situações que evocam o medo, perdendo então a sua autoconfiança básica. Tal padrão patogênico torna-se um reforçador da própria angústia.

Outra aplicabilidade se dá nas neuroses obsessiva. Nesses casos o paciente sofre pressão de ideias obsessivas que o invadem involuntariamente, por conseguinte, reage-se na tentativa de reprimir tais pensamentos, exercendo uma contrapressão. Contudo, o que ocorre é que essa contrapressão aumenta ainda mais a pressão original, ocasionando uma luta do paciente contra as próprias ideias obsessivas, com o receio de que suas ideias possam tornar-se realidade, sobretudo as de conteúdo criminoso (Frankl, 2011).

Uma terceira possibilidade de aplicabilidade é nas neuroses sexuais. Nesses casos, o padrão é a luta por algo: a meta do prazer sexual, na forma de potência e orgasmo. Entretanto, ao buscar o prazer como fim, paradoxalmente ele se esvai. Nesse sentido, Frankl (2011) considera que o prazer não pode ser uma intenção, mas deve emergir espontaneamente como efeito colateral, como um resultado da autotranscendência.

Nesse tipo de neurose o prazer se torna uma meta final, desencadeando uma hiperintenção e uma hiper-reflexão. A hiper-reflexão ocorre por um caráter de exigência surgindo do próprio ego, em situações em que se exige o desempenho sexual. Esse caráter de exigência deriva-se de um alto valor que a sociedade de produtividade atribui à eficiência sexual, ou a pressão da própria sociedade de consumo sexual (Frankl, 2011).

A Logoterapia também se aplica a casos de pacientes com transtornos psicóticos, como apontados por Frankl (1973). A atuação psicoterapêutica deve se deter, fundamentalmente, à pessoa e não meramente ao sintoma. Há, portanto, a percepção de que o sujeito psicótico também tem a capacidade de abertura do ser, todavia, evidencia-se que pelo sintoma da *passivização*, o sujeito se percebe preso aos condicionantes do seu psicofísico. A intervenção se constitui na busca de manifestações e ampliações dos recursos saudáveis, promovendo a abertura do ser para o mundo por meio de possíveis áreas de liberdade ainda intactas dos pacientes. Em síntese, realizar um processo de humanização.

### *As técnicas psicoterápicas na Logoterapia*

A Logoterapia apresenta diversas possibilidades de aplicações. No entanto, Frankl (1991) adverte que “(...) nem todo método pode ser usado em todos os casos com as mesmas expectativas de sucesso, nem pode todo terapeuta utilizar qualquer método com a mesma eficiência” (p. 17). Essa conclusão deriva-se da unicidade e singularidade da personalidade, tanto do paciente como do terapeuta.

Fizzotti (2014) comentando acerca da obra de Frankl observa que:

(...) en la relación entre terapeuta y paciente consideraba que debía evitarse cualquier esquematización, estandarización o visión determinista del hombre y del problema psíquico, en cambio se debía evidenciar la singularidad de las situaciones específicas y la consiguiente individualización de actitudes de respeto, de comprensión y de profunda participación en los problemas del paciente. (p.22)

Para evitar um processo de mecanização e tecnização da psicoterapia, Frankl (2011) recomenda duas qualidades dos logoterapeutas: a de individualizar e a de improvisar. Ademais, os logoterapeutas não superestimam as técnicas, tendo em vista que:

Há muito já se percebeu que o que tem mais significado na terapia não são as técnicas, mas, sim, o tipo de relação humana que se estabelece entre o terapeuta e o paciente, isto é, a questão do encontro pessoal e existencial (Frankl, 2011, p. 14).

Constata-se que a Logoterapia não compreende o ser humano como uma máquina a ser consertada, mas leva em conta uma relação terapêutica que estabeleça um verdadeiro encontro pessoal (Boschemeyer, 1990). Sobre a possível dicotomia entre a técnica e o mero encontro, Uderzo (1994) assevera:

De todas as maneiras, a psicoterapia é sempre algo mais do que uma técnica; sempre inclui um elemento de arte. Nela, a dicotomia entre técnica e encontro desaparecem. Estratégias terapêuticas de um lado e do outro, a relação personalizante, são os polos entre os quais se desenvolve a situação terapêutica (pp. 55-56).

Entretanto, considera-se que as técnicas foram consolidadas na Logoterapia com o intuito de mobilizar dois recursos antropológicos: o autodistanciamento (intenção paradoxal) e a autotranscendência (derreflexão). A primeira diz respeito à capacidade humana de se opor ao psicofísico, se posicionando de forma antagônica (Frankl, 2012), como, por exemplo, posicionar-se de forma irônica perante os sintomas de angustia. Já a segunda característica, refere-se à aptidão da pessoa humana em sair de sua própria esfera e se direcionar para o mundo, para algo ou alguém (Frankl, 1990). A seguir serão descritas brevemente as principais técnicas psicoterápicas dessa abordagem as quais são apresentadas sinteticamente na Tabela 3.

Tabela 3 Síntese das técnicas psicoterápicas, padrões patogênicos e características antropológicas em função do tipo de neurose

Tipo de Neurose	Padrão patogênico	Técnica psicoterápica	Característica antropológica mobilizada
Angústia	Medo do medo (fuga)	Intenção paradoxal	Autodistanciamento
Obsessiva	Luta contra os pensamentos	Intenção paradoxal	Autodistanciamento
Sexual	Hiperintenção e hiper-reflexão	Derreflexão	Autotranscendência

*Intenção Paradoxal.* A técnica da intenção paradoxal foi elaborada por Frankl e publicada pela primeira vez em 1939, sendo mais adequada aos casos de neuroses de angústia e de neuroses obsessivo-compulsiva (Boschemeyer, 1990). O primeiro padrão patogênico da neurose de angustia é o medo de ter medo, que resulta em uma ansiedade antecipatória. Enquanto que na neurose obsessiva, o padrão patogênico é a fuga dos pensamentos obsessivos. Nesses casos, o logoterapeuta orienta o seu paciente a desejar que aconteça o que ele tanto teme de forma exagerada, utilizando-se do humor. Tal prescrição se baseia no fato de que ninguém pode desejar e temer o mesmo objeto de forma concomitante (Lukas, 1989).

“A intenção paradoxal ajuda a restabelecer a distância ótima entre si e o próprio sintoma, mudando a atitude: nem lutar, nem fugir do sintoma, mas, paradoxalmente, desejar aumentá-lo para

amplificar as consequências” (Pacciolla, 2007, p. 186). Com isso, essa técnica leva o paciente a rir de seu próprio temor, fazendo uso do recurso antropológico do autodistanciamento, recuperando gradativamente a sua autoconfiança básica.

*Derreflexão.* A técnica da derreflexão na logoterapia objetiva romper a postura neurótica da hiper-reflexão, proporcionando a autotranscendência do paciente. O princípio seguido pela derreflexão é o de que o homem não deve observar a si mesmo (postura neurótica), mas intencionar um “tu” que transcenda a si mesmo (postura saudável). O paciente é orientado a retirar a sua intencionalidade para o prazer, direcionando-se para um motivo mais pleno de sentido que se constitui o encontro amoroso (Boschemeyer, 1990).

A hiper-reflexão pode ser mitigada por meio da técnica da derreflexão. Assim, conforme avança Frankl (2011), essa metodologia pode ser prescrita nos casos de neuroses sexuais, tais como frigidez e impotência. Essa técnica se mostra eficaz quando o desempenho e satisfações sexuais tornam-se objetos de atenção ou intenção excessiva, ou ainda quando o paciente considera a relação sexual como uma cobrança interna ou externa (societal).

O paciente é orientado a não realizar o ato sexual de forma programada, mas lhe é permitido as preliminares sexuais. Aconselha-se também que o paciente esclareça para sua parceira ou parceiro a proibição do coito. Com isso, mais cedo ou mais tarde, o paciente não mais irá seguir a recomendação. Livre das pressões sexuais da parceira ou parceiro, o

paciente se aproximará cada vez mais da meta pulsional, possibilitando que o prazer se torne apenas uma consequência adicional da realização do sentido do encontro amoroso (Frankl, 2011).

*Técnica do denominador comum.* É utilizada, sobretudo, em conflitos valorativos quando a pessoa se confronta com duas possibilidades incompatíveis. Objetiva ampliar todas as possibilidades e elencar as principais pessoas envolvidas na decisão do cliente. Em seguida, reflete-se acerca de todas as possibilidades de escolhas e suas respectivas consequências para si mesmo e para os demais envolvidos, sempre se utilizando do diálogo socrático. Por fim, o logoterapeuta deve confrontar com a responsabilidade da pessoa perante a sua decisão (Lukas, 1992). Dessa forma, o paciente é levado a realizar um balanço de sua vida e, em certas ocasiões, instigado a uma suposta situação limite, elencar escolhas (Uderzo, 1994). Essa abordagem se sustenta na concepção de homem da Logoterapia que compreende o ser humano saudável como um ser consciente e responsável (Frankl, 1992a).

*Diálogo socrático.* A Logoterapia também é um tipo de análise existencial direcionada ao sentido da vida. Para tal análise se utiliza de uma postura dialógica. Apropria-se dessa técnica como um meio de explorar os valores na existência do paciente, resguardando o terapeuta de qualquer perspectiva diretiva durante as sessões (Aquino, 2013). Dessa forma, o diálogo não se constitui apenas como uma forma de conversação, mas uma maneira de estar com o outro, estabelecendo um encontro terapêutico autêntico (Ortiz, 2012). Segundo Hirsch (2009), “o diálogo socrático não faz o indivíduo sentir o que ele tem fracassado, mas o permite

olhar para uma situação analiticamente para descobrir opções e alternativas para a formulação de uma variedade de estratégias” (p. 41). Conclui e mesma autora que essa metodologia dialógica tem por função primordial evocar ideias.

O método socrático, segundo Aquino (2013), é formado por dois momentos: a refutação e a maiêutica. O primeiro, o da refutação, dá-se pela presença da contradição, incoerência no discurso do sujeito, que são devidamente pontuadas pelo psicoterapeuta; já o segundo, a maiêutica, ocorre a partir do momento em que os valores e os sentidos se tornam conscientes no espectro perceptivo do paciente. Segundo Lukas (1992), “fortalecer em seus pacientes a capacidade de perceber valores, ao mostrar-lhes e trazer à sua presença valores objetivos durante os encontros terapêuticos, constitui, portanto, um princípio terapêutico bastante elementar na logoterapia” (p.49).

Além de uma metodologia terapêutica, a Logoterapia também é adequada para as práticas preventivas, sobretudo no que se refere à prevenção do vazio existencial (Ortiz, 2006). Nessa perspectiva, Aquino *et al.* (2011) desenvolveram um programa de promoção do sentido da vida junto à adolescentes avaliando sua eficácia por meio de um estudo quase experimental. Os autores constataram um aumento na pontuação média das subescala *Realização Existencial* e decréscimos nas pontuações médias das subescalas *Vazio e Desespero Existencial*. Bruzzone (2007) considera a tendência preventiva de cunho logoterápico, sobretudo em seu aspecto pedagógico, apontando que a Logoterapia é também uma

pedagogia que leva em conta a responsabilidade do sujeito.

Atualmente, novas perspectivas convergem com o pensamento de Viktor Frankl. Pacciolla (2014a) argumenta a favor de um cognitivismo existencial, pressupondo convergências entre a Logoterapia e a psicoterapia cognitivo-comportamental. Essa visão perpassa eminentemente a compreensão de pessoa, tendo em conta que é ela quem está mediando o ambiente e a resposta. Fundamentalmente, o terapeuta cognitivista existencial está preocupado em identificar em que medida o estilo de vida e de personalidade se relacionam com a percepção do sentido na vida do paciente (Pacciolla, 2014b). Wong (2014) e Gomes (2009) sugerem uma integração entre o modelo da Logoterapia e o da psicologia positiva, tendo em conta que ambas se preocupam com a questão do sentido da vida, assim como estudam o que faz a vida ser digna de ser vivida (c.f. Peterson, 2006).

Constata-se que a Logoterapia pode ser compreendida como um sistema de pensamento aberto. Essa característica aponta para duas direções: (1) aberto à sua própria evolução, com a colaboração de vários autores, e (2) aberto para a colaboração de outros sistemas de psicoterapia (Frankl, 2011). Frankl (2011) teria desenvolvido sistematicamente os seus principais postulados e fundamentos, mas, conforme pensa: “(...) um fundamento não simboliza mais do que um convite para que outros deem seguimento à construção do prédio sobre esse fundamento” (p. 197).

Embora o construto sentido da vida esteja relacionado com indicadores de bem-estar

tais como: satisfação com a vida, afetos positivos e saúde mental (King *et al.*, 2006, Mascaro, 2006, Mascaro & Rosen, 2008); ainda não se encontra amplamente conhecida no âmbito acadêmico brasileiro. Este fato decorre, possivelmente, das publicações tardias no cenário dos periódicos nacionais, tendo em conta que o grande boom das publicações ocorreu no ano de 2012. Algumas incompreensões teóricas, como, por exemplo, atribuir à Logoterapia um caráter mais de autoajuda do que científico, possivelmente tenham retardado o seu desenvolvimento acadêmico no contexto nacional. Dessa forma, abordaremos a seguir algumas críticas relativas a essa abordagem bem como suas respectivas contestações.

#### *As críticas a Logoterapia e suas possíveis refutações*

A Logoterapia, como qualquer outro movimento na Psicologia, é passível de questionamentos no âmbito acadêmico. Em geral, as críticas surgem a partir de uma leitura superficial da obra de Viktor Frankl, como por exemplo, considerar, equivocadamente, a Logoterapia como uma expressão religiosa e não como um saber científico. Isso decorre, possivelmente, do fato de que essa teoria adota como objeto de estudo o sentido na vida, tema este que é compartilhado com os sistemas filosóficos e religiosos. Entretanto Frankl adota uma postura fenomenológica e científica, constatando que na sociedade atual há uma frustração da busca de sentido, discorrendo acerca da dinâmica existencial do homem moderno na procura de um significado para a sua existência (Frankl, 2012).

Segundo Frankl (1991), a busca de sentido decorre da motivação primária do ser humano, a vontade de sentido, que se constitui como uma teoria da motivação. Ainda de acordo com esse autor: “nós chamamos de vontade de sentido simplesmente aquilo que é frustrado no homem sempre que ele é tomado pelo sentimento de falta de sentido e vazio” (p. 25).

Tendo a Logoterapia uma preocupação central com o sentido da vida, poderia essa ser uma psicoterapia de caráter religioso? Como um sistema de psicoterapia, em hipótese alguma poderia se estabelecer por meio de uma visão unilateral, assim, essa abordagem é aplicável ao homem moderno independentemente que ele seja religioso ou não.

Outro equívoco é o de atribuir à Logoterapia como uma corrente da Psicologia Transpessoal. Viktor Frankl, em seus livros, em nenhuma ocasião utilizou as terminologias comuns a essa perspectiva, nem ao menos o seu objeto de estudo se constituiu como o estado alterado de consciência. Tampouco esse autor identificou a sua teoria como Transpessoal, embora outros tenham tentando fazer essa pseudo associação (e.g. Boainain, 1999). Ademais, quando Frankl (1992b) aborda a temática da religião e da religiosidade, apenas o faz considerando esse aspecto como mais um fenômeno humano e de um ponto de vista de um objeto de estudo, nunca como uma adesão a algum pensamento específico ou como um posicionamento. Essa é, em geral, a postura de muitas abordagens do campo da psicologia que se debruçam sobre a Psicologia da Religião, permanecendo em uma postura científica quando estuda os fenômenos religiosos à luz de uma teoria específica (Ávila, 2007).

Ademais, constata-se que Viktor Frankl não propõe e nem oferece qualquer tipo de espiritualidade para seus pacientes e, por conseguinte, não pretende substituir o papel da religião. Destarte, esse teórico leva em conta que o psicoterapeuta deve respeitar o sistema religioso do paciente, e não pode impor qualquer cosmovisão religiosa. De acordo com Boainain (1999) o interesse da Psicologia Transpessoal seria o de desenvolver o potencial humano da espiritualidade, da autotranscendência e ampliar a consciência, compreendendo as tradições espirituais como psicologia. A logoterapia objetiva desenvolver o potencial humano, mas tão somente na perspectiva das possibilidades de ser-no-mundo, apelando para a consciência e para a responsabilidade do ser humano. Na compreensão da Logoterapia as tradições espirituais podem ser compreendidas como uma via para que o homem religioso encontre um sentido para a vida, mas o logoterapeuta não está habilitado para prescrever alguma orientação religiosa ou práticas espirituais, como o leitor poderá constatar a seguir.

Pode ser mais fácil ao homem religioso encontrar um sentido na vida, mas o médico não deve nem pode obrigá-lo ou forçá-lo a ter uma crença; obrigar-se a isto não pode sequer o próprio paciente, pois não se pode “querer” acreditar (Frankl, 1990, p. 49).

O autor em tela critica a “teologia psicologizada”, ou seja, aquela que apresenta uma compreensão ingênua de que a ausência de crenças está relacionada com a manifestação de doenças (Frankl, 1991). Não obstante, a religiosidade provavelmente teria um efeito terapêutico, mas nunca é por intenção final,

senão por uma consequência de sua expressão (Frankl, 1992b), como sugere também a revisão da literatura realizada por Bonelli e Koenig (2013). Se, por um lado, a religião pode ter um efeito positivo para o bem-estar psicológico, por outro, ela também pode ser fonte de aparentes conflitos valorativos quando o sentido situacional e os valores universais se tornam incompatíveis (Frankl, 1992b). Essa demanda pode ser frequentemente encontrada nos consultórios dos psicólogos e psiquiatras, o que não pode ser negligenciado por tais profissionais.

Embora considere a religiosidade, de forma geral, como uma expressão saudável do ser humano, a Logoterapia, especificamente a obra de Frankl, não tece comentários acerca da ideia de uma fusão entre Ocidente e Oriente, ciência e espiritualidade, psicologia e práticas ancestrais, como defendem os terapeutas transpessoais (cf. Parizi, 2005), tendo em conta que essas temáticas não fazem parte do seu escopo. Conclui-se, a partir disso que, inequivocamente, a Logoterapia não se enquadra em uma perspectiva da Psicologia Transpessoal e, por conseguinte, não pode ser considerada com tal.

Outra crítica encontra-se no livro *Psicologia Existencial*, organizado por Rollo May. Esse mesmo autor, embora considere a Logoterapia como uma forma de psicoterapia existencial, assevera que os logoterapeutas poderiam estar próximos do autoritarismo. Nessa direção, tece a seguinte comentário:

Parece haver soluções claras para todos os problemas, o que contradiz a complexidade da vida atual. Parece que, se o paciente não consegue descobrir seus objetivos, Frankl

fornece-lhe um. Isso poderia parecer a retirada da responsabilidade do paciente e – se aceitarmos a suposição de Rogers – a diminuição do paciente como pessoa (May, 1976, p. 50).

Essa afirmação é provavelmente derivada de uma incompreensão dos pressupostos teóricos e práticos da Logoterapia, o que Frankl esclarece por meio da seguinte consideração:

(...) não se trata de darmos ao paciente um sentido à existência e sim de tornarmos o paciente capaz de encontrar o sentido da existência, ampliando, por assim dizer o seu campo de visão, de modo que ele perceba o espectro completo de possibilidades pessoais e concretas de sentido e valores (Frankl, 1991, p. 74).

Pacciolla (2007) assegura que o psicoterapeuta deve ajudar o paciente na descoberta dos seus valores, exercendo eminentemente um papel de facilitador por meio da metodologia da maiêutica. Dessa maneira, o imuniza da imposição do seu sistema ético valorativo. Lukas (1979) considera que “Os Logoterapeutas devem ter seus próprios sistemas de valor e ainda aceitar plenamente o sistema de valores de seus pacientes” (p. 4). Por conseguinte, pode-se conceber que o logoterapeuta não está habilitado em dar um sentido, nem muito menos assumir uma postura autoritária, mas sim ajudar o paciente por meio do diálogo socrático, a encontrar significados plausíveis para a sua existência. Essa perspectiva decorre da concepção de Heidegger (1990), que conceitua o homem como um ser-no-mundo. Dessa forma, o ser humano está enraizado no

mundo e sempre é aquele ente que está em relação com algo ou alguém, em última instância se relaciona no aqui e agora com um sentido que deve ser realização.

Os fundamentos dessa escola são antropológicos, arraigados em uma filosofia da existência, servindo de ancoragem para as intervenções e práticas psicoterápicas. Maslow (1976), por sua vez, observa que os psicoterapeutas existenciais europeus enfatizam a antropologia filosófica com o intuito de definir o ser humano e diferenciá-lo de outros entes. Nesse sentido, a Logoterapia se preocupa fundamentalmente com a seguinte pergunta: “Quem é o ser humano?”. E para respondê-la, necessita diferenciar o homem dos outros entes, o que aponta para outra pergunta: “O que é especificamente humano?”. Portanto, Frankl (1992a) se propõe a distinguir os homens dos animais. Segundo pensa, “a verdadeira natureza do homem é a sua cultura; enquanto cada animal possui seu meio ambiente adequado, o homem tem acesso a um mundo do sentido. Em resumo, o homem penetra na dimensão espiritual” (Frankl, 1991, p. 127).

Frankl utiliza a seguinte palavra da língua germânica para designar espiritualidade: *Geistigkeit*. Esse termo não se refere à vida espiritual-religiosa, mas antes aos valores e sentidos que o ser humano está imbuído. Dessa forma, ainda faz a distinção entre o *subjektiv Geistige* e o *objektiv Geistige*. A primeira expressão se refere à perspectiva do sujeito perante os valores e os sentidos, já a segunda, diz respeito ao sentido em si mesmo, como se encontra no mundo (Frankl, 1992a).

A dimensão espiritual não se reduz à religiosidade, mas abarca todos os fenômenos especificamente humanos, tais como: o senso valorativo (estético e ético), liberdade e responsabilidade, consciência valorativa, intencionalidade, preocupação com o sentido da vida, dentre outros (Lukas, 1989). Indubitavelmente, toda psicoterapia está fundamentada em princípios antropológicos (Frankl, 2012), assim, os psicoterapeutas necessitam ter consciência desses fundamentos pelos quais, em última instância, as suas intervenções e suas técnicas psicoterápicas se encontram ancorados.

Em decorrência da sua visão antropológica, uma possível crítica à Logoterapia seria a de que a sua visão de homem e de mundo estariam mais para uma compreensão utópica do que realista, reduzindo-a a uma “bela filosofia”. Não obstante, Fizzotti (2007) considera que “para uma boa psicologia ocorre uma boa filosofia” (p. 18).

Frankl (2003) também foi confrontado com argumentos semelhantes quando apontaram que a sua teoria seria idealista, não possuía um fundamento objetivo, além de sobre-estimar o ser humano. Frankl (2003) responde a essa crítica utilizando as palavras de Goethe (1749-1832): “Se exigimos do homem o que ele deve ser faremos dele o que ele pode ser. Se, pelo contrário, aceitamo-lo como o que é, então acabaremos por torná-lo pior do que é”. Nessa direção, pondera que “(...) esse idealismo – se é que se trata de idealismo – é, no fim das contas, o único realismo verdadeiro” (Frankl, 2003, p. 15).

Sobre a questão da objetividade, encontram-se na atualidade alguns instrumentos psicométricos que corroboram o pensamento Frankliano e que estão disponíveis exclusivamente para fins de pesquisas empíricas (c.f. Batthyany & Guttmann, 2005). No contexto brasileiro, alguns instrumentos já foram adaptados e validados, tais como o Teste Propósito de Vida (Aquino et al., 2009), o Questionário de Sentido na Vida (Damásio, 2013) e o instrumento *Sources of Meaning and Meaning in Life Questionnaire* (Damásio & Koller, 2013). Ademais, Batthyany (2009) aventa que essa abordagem não se constitui apenas em uma prática psicoterápica, posto que também seria igualmente um campo de pesquisa empírica.

De fato, Frankl (2011) reconhece que inicialmente a Logoterapia foi se constituindo de forma intuitiva, mas que, e apenas posteriormente, foi validada cientificamente por meio de testes psicométricos, estudos correlacionais e experimentais. De forma geral, a pesquisa no campo da Logoterapia pode ser dividida em três fases: a primeira focou nos estudos sobre o efeito da intenção paradoxal, a segunda na construção e validação de instrumentos para aferir o construto sentido da vida e vazio existencial e, por fim, a terceira está relacionada ao estudo da Logoterapia e a saúde mental em seus diversos campos de aplicações (Guttmann, 1996).

#### *Considerações finais*

O objetivo deste artigo foi descrever a Logoterapia no contexto da psicologia moderna considerando tanto os seus aspectos teórico-conceituais, quanto o seu campo de pesquisa e

de atuação prática. Considera-se, portanto, que foi plenamente atingido, considerando os argumentos apresentados ao longo desse manuscrito. Ademais, constatou-se também que a Logoterapia, como uma forma de psicoterapia, está ancorada em uma compreensão psicológica e antropológica, que se adéqua perfeitamente à uma modalidade da psicologia existencial, como atestada pela *American Psychological Association* (APA, 2009).

Como um autêntico sistema de pensamento psicológico, ela é concebida como uma escola antidogmática, uma vez que está aberta às colaborações e evoluções tanto em suas aplicações quanto em seus fundamentos (Frankl, 2011; Lukas, 1992). Nessa perspectiva, a genuína Logoterapia se encontra exclusivamente

na obra de Viktor Frankl constituída por trinta e nove livros, o que significa que os seus fundamentos já se encontram consolidados por esse mesmo autor.

Inequivocamente conclui-se que a Logoterapia deve ser lavada em conta no conjunto das teorias e técnicas psicoterápicas tendo em vista as suas aplicações em demandas específicas, como o vazio existencial e conflitos valorativos. Além dessas, constitui-se como uma abordagem adequada para algumas neuroses psicogênicas (ansiedade, fóbica e sexual) e neurose noogênicas, decorrente de conflitos éticos e valorativos, bem como apropriada para embasar programas preventivos que promovam a sensação de sentido e valor da vida.

## REFERÊNCIAS

- APA concise dictionary of psychology* (2009). Washington, DC: American Psychological Association.
- Aquino, T. A. A. DE (2013) *Logoterapia e Análise Existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo – SP. Paulus. Coleção Logoterapia.
- Aquino, T. A. A., Correia, A. P. M., Marques, A. L. C., Souza, C. G., Fritas, H. C. A., Araújo, I. F., Dias, P. S., & Araújo, W. F. (2009). Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29, 228-243.
- Aquino, T. A. A., Silva, J. P., Figueiredo, A. T. B., Dourado, É. T. S., & Farias, E. C. S. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia ciência e profissão*, 31, 146-159.
- Ávila, A. (2007). *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Edições Loyola.
- Batthyany, A. (2009). Introduction. Em: A. Batthyany & J. Levinson (Eds.) *Existential psychotherapy of meaning: A handbook of logotherapy and existential analysis*, pp. 20-36. Phoenix, AZ: Zeig, Tucker & Theisen, INC.
- Batthyany, A., & Guttman, D. (2005). *Empirical research on Logotherapy and Meaning-Oriented Psychotherapy: An Annotated Bibliography*. Phoenix, AZ: Zeig, Tucker & Theisen.
- Boainain, E. (1999). *Tornar-se Transpessoal: Transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers*. São Paulo: Summus Editorial.

- Bonelli, R. M., Koenig H. (2013). Mental disorders, religion and spirituality 1990 to 2010: A systematic evidence-based review. *Journal of Religion and Health*, 52, 657-73.
- Boschemeyer, U. (1990) Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho da logoterapia. In: Frankl, V. E.; Boschemeyer, U.; Langle, A.; Kretshemer, W.; Bockmann, W. Funke, G.; Bresser, W.; Funke, G.; Bresser, P. H.; Lukas, E. (1990) *Dar sentido à vida. A logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Sinodal.
- Bruzzone, D. (2007). Educazione e relazione d'aiuto: Una proposta logoterapeutica. Em: E. Fizzotti (Ed.) *Il senso come terapia: Fondamenti teórico-clinici della logoterapia di Victor E. Frankl*, (pp 188-208). Milano: Franco Angeli.
- Damáσιο, B. F. (2013). Sentido de vida e Bem-estar Subjetivo: Interações com Esperança, Otimismo, Autoeficácia e Autoestima em Diferentes Etapas do Ciclo Vital. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Damáσιο, B. F., Schnell, T., & Koller, S. H. (2013). Sources of Meaning and Meaning in Life Questionnaire (SoMe): Psychometric properties and sociodemographic findings in a large Brazilian sample. *Acta de Investigación Psicológica*, 3, 1205–1227
- Fizzotti, E. (2000). Invito Allá lettura degli scritti Del Giovane Frankl. Em: V. E. Frankl (Ed). Le radici della logoterapia: Scritti giovanili, 1923 – 1942, pp. 5-15. Roma: Libreria Ateneo Salesiano.
- Fizzotti, E. (2007). Viktor E. Frankl: una vita realizzata! Em: E. Fizzotti (Ed.) *Il senso come terapia: Fondamenti teórico-clinici della logoterapia di Victor E. Frankl*, (pp 13-43). Milano: Franco Angeli.
- Fizzotti E. (2014). En las raíces de la logoterapia las raíces de la esperanza. *Revista Mexicana de Logoterapia*, 2, 20-30.
- Frankl, V. E. (1973) Psicoterapia e sentido de vida. São Paulo, Quadrante.
- Frankl, V. E. (1985) *Em busca de sentido* (W. Schlupp, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1990). A questão do sentido em psicoterapia. Campinas, SP: Papirus.
- Frankl, V. (1991). *A psicoterapia na prática*. Campinas, SP: Papirus Editora.
- Frankl, V. (1992a) *Psicoanálisis y existencialismo: de la psicoterapia a la Logoterapia*. México, DF: Fondo de Cultura Económica.
- Frankl, V. E. (1992b). A presença ignorada de Deus. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- Frankl, V. E. (2003). *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante
- Frankl, V. E. (2004). El hombre en busca de sentido. Barcelona: Herder
- Frankl, V. E. (2006). *Lo que no está escrito en mis libros: Memorias*. Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. (2011). *A Vontade de sentido*. São Paulo: Paulus
- Frankl, V. (2012) *Logoterapia e análise existencial: Textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gomes, E. S. (2009). Evidencias teóricas y empíricas entre la psicología positiva de Seligman y la psicología humanista-existencial de Frankl. Tese de doutorado, Univerisdad Pontificia de Salamanca.
- Guttman, D. (1996). Research in the service of Logotherapy. *Journal des Viktor-Frankl-Institut*, 4, 15-36.

- Hall, C. S., & Lindzey, G. (1984). *Teorias da personalidade (volume II)*. São Paulo: EPU.
- Heidegger, M. (1990). Ser e Tempo (parte II). (M. de Sá Cavalcanti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hirsch, B. Z. (2009). Logotherapy: The theory, the logoterapista, the cliente. Em: A. Batthyany & J. Levinson (Eds.) *Existential psychotherapy of meaning: A handbook of logotherapy and existential analysis*, pp. 39-52. Phoenix, AZ: Zeig, Tucker & Theisen, INC.
- King, L. A., Hicks, J. L., & Del Gaiso, A. K. (2006). Positive effect and the experience of meaning in life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 179-196.
- Lukas, E. (1979). The “Ideal” Logotherapist – Three Contradictions. *The International Forum for Logotherapy*, 2, 3-7.
- Lukas, E. (1989) *Logoterapia: A força desafiadora do espírito*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lukas, E. (1992). Assistência logoterapêutica: Transição para uma psicologia humanizada. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- May, R. (1976). O surgimento da Psicologia Existencial. Em: R. May (Ed.) *Psicologia Existencial* (pp. 1 – 56). Porto Alegre: Globo.
- Mascaro, N. (2006). Longitudinal analysis of the relationship of existencial meaning with depression and hope. Doctoral dissertation, Texas A&M University. College Station. Texas.
- Mascaro, N. & Rosen, D. H. (2008). Assessment of existential meaning and its longitudinal relations with depressive symptoms. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 27, 576-599.
- Maslow, A. H. (1976). Psicologia Existencial – O que há nela para nós? Em: R. May (Ed.) *Psicologia Existencial* (pp. 58 – 66). Porto Alegre: Globo.
- Ortiz, E. M. (2006). *Hacia una prevención con sentido*. Bogotá: Fundación Colectivo Aquí y Ahora.
- Ortiz, E. M. (2011). *Los modos de ser inauténticos: psicoterapia centrada en el sentido de los transtornos de la personalidad*. Bogotá, SAPS.
- Ortiz, E. M. (2012) *El Diálogo Socrático en la Psicología*. Bogotá, D.C. Colômbia. Segunda Edição. Ed. SAPS.
- Pacciolla, A. (2007). Diagnosi e disagio noogenico. Em: E. Fizzotti (Ed.) *Il senso come terapia: Fondamenti teórico-clinici della logoterapia di Victor E. Frankl*, (pp 166-187). Milano: Franco Angeli.
- Pacciolla, A. (2014a). Logoterapia e psicoterapia: Possibilidades e desafios do cognitivismo existencial. *Revista Logos e Existência*, 3, 119-136.
- Pacciolla, A. (2014b). *DSM-5 e temi esistenziali*. Roma: Laurus Robuffo.
- Parizi, V. G. (2005). Psicologia transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas. *Psicologia Revista*, 14, 109-128.
- Peterson, C. (2006). *A primer in positive psychology*. New York: Oxford University Press.
- Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Reale, G. & Antiseri, D. (1990) *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Medieval*. Vol I. São Paulo. Paulus.

Rodrigues, H. J. L. F., & Brito, A. L. de (2009). Ano da Psicoterapia: Textos Geradores. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2000). História da Psicologia moderna. São Paulo: Editorial Cultrix.

Soucek, W. (1948). Die Existenzanalyse Frankls, die dritte Richtung der Winer psychotherapeutischen Schule. *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, 73, 594 – 613.

Uderzo, L. G. de P. (1994) Técnicas de Logoterapia. Em: O. Lazarte, & L. G. de P Uderzo (Eds.) *Sempre se pode eleger: Logoterapia e sessões clínicas de Logoterapia*. São Bernardo do Campo, SP: Sermed.

Véras, A. da S., & Rocha, N. M. D. (2014). Produção de artigos sobre Logoterapia no Brasil de 1983 a 2012. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 14, 355-374.

Xausa, I. A.M. (1983). Viktor Frankl: um psicólogo no campo de concentração. *Psico*, 6, 95-115.

## SOBRE OS AUTORES

**Thiago A. Avellar de Aquino.** Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (1995), mestrado em Psicologia (Psicologia Social), pela Universidade Federal da Paraíba (1998), e doutorado em Psicologia (Psicologia Social), pela Universidade Federal da Paraíba (2009). Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba do Departamento de Ciências das religiões; professor credenciado do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões; é também líder do grupo Nous: Espiritualidade & Sentido (CNPq).

**Alan da Silva Véras.** Tem formação em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa (Salvador - BA) e em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Nordeste (Salvador - BA). Atualmente é aluno da pós-graduação em Logoterapia pela Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas do Paraná (FACET).

**Daniel Ouriques Lira Braga.** Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do grupo de Pesquisa NOUS - Espiritualidade e Sentido. Atualmente Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

**Sarah Xavier Peixoto de Vasconcelos.** Graduada em Psicologia - Formação de Psicólogo, pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Integrante do núcleo NOUS: Espiritualidade e Saúde. Psicóloga residente em Cuidados Paliativos no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira - IMIP, em Recife-PE.

**Lorena Bandeira da Silva.** Possui graduação pela Universidade Estadual da Paraíba (2011). Ênfase em Psicologia Clínica. Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Vice Coordenadora do Núcleo Viktor Frankl de Logoterapia da UEPB. Participa dos grupos de pesquisa em saúde mental Déjà Vu: Artes, Sonhos e Imagens, da UEPB e Nous: Espiritualidade e Sentido, da UFPB.